

Quais são as suas referências?

Os poetas, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Armando Freitas Filho, Ana Cristina César, Murilo Mendes, essas pessoas são culpadas pelo que eu acho da vida. Com relação à música, eu fico indefeso dentro dela. Uma canção do Caetano, do Bob Dylan, uma sinfonia do Schubert, você tem que estar preparado, porque elas te pegam e te tiram do real. O Mozart te leva lá para a estratosfera e você fica sem critério, indefeso. É uma covardia, a música. No mundo da pintura, não por causa da luz, da pincelada, mas por causa da representação — o que é a capela do Giotto em Pádua? É cinema, televisão, história em quadrinhos, psicologia, psicanálise... Entre os fotógrafos tem o Cartier Bresson, Robert Frank, William Klein — um fotógrafo que dilacera o quadro — Brassai, Fay Godwin, Atget, Capa, Evans, Joseph Kudełka, Christer Strömholm e Sylvia Flachy, que talvez seja a mais importante, porque me ajuda a compreender o universo da imagem. No cinema são muitos, mas vou citar apenas dois: Alexei Fyodorov e Christopher Doyle. Todos eles foram e são muito importantes na minha relação de falar através da imagem.

No documentário do filme "Apocalypse Now", quando tudo já deu errado, o Copolla sai desesperado, no meio da névoa, se perguntando: "O que eu tô fazendo aqui? Você já passou por algum momento assim?"

O Copolla joga no time dos cineastas que acreditam que o cinema tem uma força modificadora. Tem um tipo de cineasta que é tomado pela poesia do cinema. Acho que só uma pessoa que tem na cabeça a idéia de que a sua atividade é uma força modificadora passa por uma situação daquelas. Senão ele resolve tecnicamente. O Copolla só toma esse caminho porque acredita que aquilo vai modificar alguma cabeça, em algum lugar, de alguma forma. Mas esse filme tem quase 30 anos. O cinema hoje está perdendo a sua capacidade de investigar a subjetividade. Essa coisa construída para dar certo resulta num cinema previsível. Hoje tem programas de computador para fazer roteiros. Por isso o cinema do Leste Europeu, da Chi-



Foto da série "Mistérios Públicos" sobre os projetos para a futura está-tua film sobre um poema do Manoel de Barros

na, do Iraque, do Irã, do Líbano vem se apresentando de uma forma tão forte. Porque é um cinema que está voltado mais para a sua geografia. O Godard resume bem isso quando diz que o cinema hoje é auto-estrada. Falta o cinema de trilha.

O que falta no nosso cinema?

Falta as salas exibirem os nossos filmes. Porque técnica, talento, prestígio, isso a gente tem. Nosso cinema está maduro e diversificado. Você tem filmes voltados para o mercado, para o experimento, para o artístico, pode escolher o que exibir. Mas o camarada que recebe um salário mínimo e vai ao cinema uma vez por mês, quando chega pra ver o filme brasileiro, ele já saiu de cartaz. O ingresso, lá um tempo atrás, custava uma média US\$ 1 ou US\$ 2. Hoje, chega a R\$ 20. Os americanos lançam os trailers com três meses de antecedência, vão condicionando as pessoas a querer ver aquilo. No cinema brasileiro você não tem nem espaço para trailer. Tinha que acotovelar os filmes estrangeiros nas nossas salas. É isso que está faltando.

Agora que assumiu sozinho a direção de longa, você vai parar com a fotografia?

Jamais. Uma pessoa que canta uma

canção que compôs é poeta, compositor e cantor. Ninguém espera dela que seja uma coisa só. É a mesma coisa com o cinema. A característica do Cinema Novo é essa: o Nelson (Pereira dos Santos) montava filme do Glauber, que produzia filme do Walter Lima, que era roteirista do filme do Glauber... O cinema é um vício. Eu continuo um fotógrafo que, de vez em quando, dirige. Vou continuar fotografando porque faz parte da minha vida. Estou no mercado, disponível e com muita garra.

Você já tem algum projeto para o futuro?

Tenho um poema que pedi ao Manoel de Barros, no dia em que a gente foi filmar o depoimento dele para o "Janela da alma". Levei o livro, mostrei o poema e ele escreveu na contracapa: "Autorizo Walter Carvalho a fazer um filme desse poema." Não sei nem se isso vale, porque não tem cartório, essas coisas. O poema é fantástico, porque é abstrato e dá para fazer o que eu gosto no cinema, que é filmar as sensações dos outros. Não me interessa uma história factual, em que fulano saiu, foi para a casa de ciclano e matou beltrano... O que me interessa é filmar o que as pessoas sentem. ■